MULHERES DO MINHO



Moranguеiras no mercado do Porto — Desenho original de Nogueira da Silva

Esbeltas e airosas, as mulheres do Minho tem sido por muitas vezes copiadas do natural por artistas nacionaes e estrangeiros. Mas nunca vimos typos mais verdadeiros, mais bem estudados, que estes que hoje publicâmos.

Sobre tudo o da velha é caracteristico a mais não poder.

São famosos os morangos do Porto, e por isso ha vendedeiras especiaes d'este fructo no mercado d'aquella cidade.

A velha que o nosso artista copiou deve ser morangueira de nomeada na sua terra, e na praça do seu commercio. Está ella muito bem amezendada ao pé da sua canastra, de braços cruzados, como quem diz, de mão na ilharga, ouvindo apreçar os seus morangos no dialogo que a filha tem com a criadinha que os vem comprar. Se abrir a boca será para rabujar com os freguezes e afugental-os. Por isso a filha, mocetona esbelta e sympathica, de bons modos e melhores palavras, é que regateia com labia, e ajusta com vantagem.

Aquelle semblante de varôa, carregado e mortiço, com o cabello cortado em bordefronte, está mesmo pedindo o chapeo de homem que n'aquellas terras usam as mulheres. Lá tem porém o seu distinctivo minhoto, que é a taboleta de ourives que traz ao peito, producto accumulado de meio seculo de novidade dos seus morangaes.

É tal o amor das mulheres do Minho aos brincos e cordões de oiro, e tanta a riqueza que a provincia tem d'este metal em similhantes obras, que o auctor da «Descripção do Porto» publicada em 1788, se exprime n'estes termos.

«Não temo dizer que o oiro que serve de ornato ás mulheres do campo, excede o valor de trinta milhões de cruzados!

Ha muitas freguezias, que em cordões, cadeados, contas, laços, brincos e outras peças, todas de oiro massiço, tem cada uma duas, ou ainda tres arrobas d'este metal. Não fallo em algumas da cidade do Porto, onde sómente as da Sé, S. Nicolau e Santo Ildefonso passam de trinta arrobas.

Na comarca da Maia e Penafiel ha mais de cincoenta pessoas notaveis n'esta riqueza: eu mesmo

vi nas freguezias de Aguas Santas e S. Cosme, suburbanas d'esta cidade, dois andores, em differentes dias festivos, ornados (segundo o gosto da aldeia), com tantas peças de oiro que pesaram as de cada um duas arrobas e oito arrateis.

Asseguram-me pessoas dignas de credito, que ainda alli não estava todo o oiro d'aquella freguezia, e que em muitas das circunvisinhas havia a mesma riqueza.

É certo que até as proprias meninas que apascentam os gados pelos montes, trazem diariamente ao pescoço cordões ou contas de oiro; e assim tambem rarissima será a lavradeira que não possua uma ou mais peças similhantes.

Constando pois toda esta provincia de 1519 freguezias, julgue o leitor quanto importará o oiro que serve de ornato ás camponezas, sem contar o que está lavrado em diamantes, aljofares, safiras, esmeraldas, rubins, e outras pedras preciosas que servem de enfeite ás senhoras das cidades e villas; como tambem o que está fundido em calices, custodias, relicarios, cruzes etc., o que tudo importa uma somma immensa.»

COMO SE GANHA UMA DEMANDA

Era pelos fins de novembro, ao approximar da noite. Soprava rijo o vento das bandas do sul, e as nuvens acastelladas e escuras corriam como cavallo á desfilada. Principiavam a cair grossas gotas d'agua, e ao longe já rugia a tempestade. Como é vulgar no inverno e no campo, quasi que não houvera crepusculo da tarde. Apenas se escondêra o sol, e já a escuridão baixava sobre os campos. No sitio onde começa a acção da historia que se vae ler, não havia noticia do povoado; era a meio de uma azinhaga que se contorcia por entre terras cobertas de restevas, e tristes como a nudez mal vestida de farrapos.

Joaquim dos Santos tinha mettido o cavallo a trote, para fugir á trovoada proxima e ás trevas imminentes, em quanto debalde procurava orientar-se por meio dos olivaes.

Joaquim dos Santos fôra um dos mais endiabrados rapazes d'aquelles logares. Deitára fama de si pelas proezas que fizera; e o seu nome era bem fallado n'aquellas visinhanças como um dos maiores extravagantes d'este mundo.

Seu pae, que tinha alguns bens e que estimava devéras os seus dois unicos filhos, Joaquim e Raymundo, tratou de lhes dar educação mandando-os para um dos collegios mais acreditados de Lisboa.

Mas, em quanto Raymundo estudava com a melhor vontade, Joaquim fazia em agua a cabeça dos professores e peorava de dia para dia. Não o podendo aturar, o director mandou-o para casa do pae, declarando-lhe, que assim como não teria duvida de ensinar Raymundo, visto o seu bom porte e applicação, por dinheiro algum d'este mundo se resolveria a supportar o irmão nem mais um dia.

Foi grande tristeza em casa de José dos Santos. As esperanças todas, que depozera em seu filho mais velho, desappareciam-lhe de repente. E o velho que já pensava em o mandar a Coimbra! Joaquim, pela sua parte, declarou-se em guerra aberta com a letra redonda. Não nascêra para doutor, nem se achava com sabedoria para letradices. Queria amanhar terras e ser lavrador como seu pae. Seu irmão, que parecia um menino Jesus de freiras, que se désse a similhantes pieguices; elle era um homem que tinha pulso para guiar a rabiça de um arado, e pernas para se segurar n'um cavallo.

José dos Santos só contava um defeito, ser extremoso pelos filhos como ninguem. Concordou com a vontade de Joaquim, e metteu-o no trabalho debaixo da sua direcção.

Mas nem mesmo nos primeiros dias o novo lavrador tomou gosto áquelle modo de vida. Aborrecia-se do trabalho, e mal que podia furtava-lhe o corpo, para ir procurar a companhia dos peores rapazes da terra. Encontravam-no mais na taberna do que na eira; mais no jogo da bola do que no pomar; mais nas patuscadas do que na lavoira.

Ao passo que se ia entregando a não fazer nada, iam-lhe medrando os vicios. Tinha fama de valentão, e tão mau se havia feito, que o proprio pae se temia d'elle.

Ninguem podia ter-lhe mão, não ouvia conselhos, nem fazia caso do que lhe diziam para bem. Um dia que seu irmão Raymundo se lembrou de lhe fallar a preceito, para ver se o fazia chegar á razão, Joaquim, que não vinha em si, deu-lhe uma sóva que o deixou em lençoes de vinho.

Foi tambem a ultima que se lhe aturou. O bom do velho apenas viu chegar em braços o seu filho querido, o seu ai-Jesus, que fôra sempre uma joia, e do qual ninguem dizia senão mil bens, e soube quem fôra o auctor de tão grande maldade, jurou que nunca mais lhe poria os pés em casa homem de tão mau coração.

Deitou lucto em signal de o ter perdido, e respondia a todos que lhe perguntavam porque vestia de preto: — é por meu filho Joaquim, que morreu.

Este jurou que se havia de vingar de seu irmão, ao qual attribuia a má vontade do pae, e foi cada vez a peor, passando todo o santo dia na taberna ou no jogo.

Entre os seus companheiros de perdição, havia um que sobre elle tinha mais poder; mesmo porque era o mais depravado. João Simões era capaz de ler de cadeira na patifaria, e passar por doutor na pouca vergonha.

Contribuira mais do que ninguem para estragar o rapaz, e fôra quem lhe ensinára melhor o mau caminho. Joaquim tambem não rezava por outro breviario, e o que João Simões lhe dizia era um evangelho.

Andavam por aquelles tempos no logar alguns homens a desinquietar trabalhadores para o Brasil, promettendo-lhes mundos e fundos de felicidade quando lá estivessem, e passagem no navio para os que quizessem ir. João, que entrava em todos os negocios de má condição, travou conhecimento com os taes meliantes, e fez-se dentro em pouco um dos mais espertos alliciadores da companhia.

Como estava corrente com tudo que se passava, pois bem sabem que a occupação do vadio é entreter-se com as vidas alheias, viéra a ser em pouco tempo o perdigueiro de melhor faro para levantar a caça. Conhecia os que tinham menos dinheiro, os que mais desejavam ganhal-o com pouco trabalho, os que tinham melhor embocadura para o vicio, e que menos duvidavam abandonar terra e parentes.

Onde deitava a rede tirava peixe, já era sabido; ninguem como elle acertava tão bem.

Apenas José dos Santos poz seu filho fóra de casa, logo João tencionou seduzil-o para embarcar, e sem grande difficuldade conseguiu convencel-o de que era o melhor partido que tinha a seguir.

Como elle jurava nas palavras do seu mestre, acreditou em quanto lhe dizia, protestando entretanto, que, se fosse desgraçado, grande vingança tiraria de seu irmão Raymundo, o causador de tudo, lá no seu modo de ver.

João, incitando-lhe a furia, foi acompanhal-o ao embarque, encarregando-se não só de tratar de quantos negocios porventura viesse a ter, mas ainda de realisar os planos vingativos contra o irmão. Tornou-se assim depositario de todos os seus odios.

João, incumbindo-se d'esta vingança, trabalhava tambem por sua conta, pois jurára pela pelle de Raymundo, desde que este o tratara desabridamente, e lhe voltou as costas n'um arraial.

O desgosto de ver seu filho tão mal encaminhado, levou o pobre pae á cama, e Raymundo teve de deixar os estudos em meio, para vir, junto do velho, governar a casa e tratal-o na doença.

Mentes que estava cuidando em seu pae, tomou-se de amores por uma rapariga da terra; e como era boa de caracter e boa de reputação, apesar de pobre, casou-se em breve, ganhando todos com o casamento — elle porque alcançára uma esposa extremosa, José dos Santos porque ganhára uma enfermeira sollicita, tão desvelada, tão carinhosa, como a melhor filha.

Porém quando o mal é de morte, triste remedio lhe póde dar o saber dos medicos ou o cuidado dos enfermeiros. A ferida do doente era mesmo no coração. Não tinha cura. Apesar da maneira por que Joaquim para com elle se houvera, estimava-o porventura mais do que ao seu obediente e bom Raymundo.

Caprichos do sentimento, que mais nos fazem prender a affeição a quem menos nol-a merece, o velho, embora comsigo mesmo o negasse, dera parte maior do seu coração ao filho perdido.

Muitas vezes em piedosa e apaixonada analyse se desculpava d'esta parcial fraqueza. Era a ovelha desgarrada, que cuidados maiores requeria do pastor, era a terra maninha, que pedia melhor cultura, era a arvore desviada, que chamava mais attenção para lhe emendar o erro.

A lembrança do filho era o tormento, a enfermidade mais perigosa que o definhava. O barbeiro sangrador do logar e o cirurgião visinho tinham feito repetidas juntas, sem atinarem com a razão do mal. Resolveram por fim que padecia do interior, e acertaram sem o saber.

José dos Santos ria-se dos entes de razão dos dois physicos, e sujeitava-se resignado ao tratamento que lhe applicavam. Seu filho, sua nora, até o nétinho de peito, todos se acercavam d'elle inquietos e suspeitosos da verdadeira causa do mal. Porém tão calado se conservára o doente, que não tinham passado de conjecturas.

A hora da morte, apenas, se certificaram as suas duvidas, porque, conhecendo como estava, chamou-os a todos, lançou-lhes a benção, e depois, erguendo os olhos para o ceo, exclamou:

— Compadecei-vos d'elle tambem, Senhor, tocae aquella alma perdida com um raio da vossa divina graça... Se algum dia tornares a ver teu irmão, meu Raymundo, dize-lhe que lhe perdoei tudo, e que, ao despedir-me d'este mundo, lhe deitei cá de tão longe mesmo a minha benção de pae.

Casa onde entra doença, não é o dinheiro que a aquenta; a molestia de José dos Santos foi a ruina d'aquella familia. Durara perto de dois annos o padecer do velho; custára muito áquella organisação robusta o desprender-se do mundo; luctára como um homem; o desgosto, porém, vencêra-o por fim. Tudo estava empenhado quando o antigo lavrador falleceu; foi mister pedir dinheiro para o enterro, e Raymundo amanheceu um dia sem pae, sem haveres, e com o filho e a esposa a sustentar.

De mais, a familia promettia augmentar-se-lhe, porque Leonor, sua mulher, estava gravida de tempo, e em poucos dias deu á luz uma filhinha, formosa como um serafim, e córada como uma rosa de primavera.

Diz-se que os filhos são a riqueza do pobre! Triste ironia! — Para o que padece, de necessidade, a vista das crianças sem pão é tormento mil vezes maior do que a propria fome. Quantos não sacrificariam a vida de bom grado, se em paga soubessem que asseguravam a existencia dos seus.

Supplicio, que se não descreve, é ver os innocentes menos soffridos, e porventura mais sinceros, não disfarçarem a fome e chorarem pedindo pão!

Em quanto a desgraça o perseguia, Raymundo sem desanimar ia trabalhando sempre, amparado pela força da vontade e pelo sentimento do dever.

Pelo contrario a fortuna, caprichosa, como sempre, sorria para Joaquim, cujos negocios lá pelo Brasil iam de vento em pôpa. João Simões, que com elle se correspondia regularmente, não descançava de acirrar os odios contra o irmão, dizendo que, para de tudo o privar, até lhe roubára a benção paterna, fazendo com que o velho á hora da morte amaldiçoasse o filho mal procedido.

Como já se disse, succedêra ao contrario; mas o Simões, que era um alma damnada, queria vingar-se de Raymundo, e não recuava, por conseguinte, diante de uma mentira, ou duas que fossem.

Ao mesmo tempo encarecia-lhe a prosperidade da casa, e os grandes negocios que José dos Santos fizera nos ultimos tempos: dizia-lhe, que seu irmão ficára desfructando uma grande fortuna, que se fingia pobre para não fazer partilhas, e que se o Joaquim lhe mandasse procuração para tratar d'esse negocio, em breve lhe mostraria se era ou não verdade, que seu irmão queria enganar toda a gente com uma mentirosa pobreza.

Conseguiu-a por fim, e mal teve a procuração em seu poder, começou a perseguir o desgraçado Raymundo, a quem já bastava o seu mal.

A justiça não costuma estar em casa para receber os pobres. João Simões dispunha de dinheiro, entendia de demandas, fazia o que queria. Taes artes teve, de taes manhas se soccorreu, que a final conseguiu lhe passassem um mandado de penhora contra Raymundo, como cabeça de casal, em nome do irmão ausente.

Entretanto este lembrava-se com saudades da patria, e liquidava os seus negocios para poder regressar quanto antes. Tinha ganho algum dinheiro; mas não tinha contrahido amizades; estava rico, mas só e triste.

Mudára de vida completamente: aquelles annos tinham-n'o amadurecido, mas tambem o tinham cançado e gasto. Estava velho antes de tempo, precisava descançar, e não ha como a terra da patria para alliviar penas de velhice, e melancolias de coração. Havia bem pouco que chegára, quando nós o encontrámos fugindo da tempestade, e orientando-se por entre campos.

Eram recordações, eram saudades, que o tinham demorado, seguindo por aquellas visinhanças, parando diante de uma arvore, descobrindo-se diante de uma cruz, apeando-se muitas vezes para ir ajoelhar diante de uma pedra.

Tudo lhe fallava á memoria, tudo lhe fallava ao coração.

Aqui passára tanto tempo, espreitando os companheiros que o procuravam, e elle escondido; alli tivera o primeiro encontro apaixonado; mais em baixo estivera com seu pae; mais além descançava este em horas de calor, ou esperava os trabalhadores das suas fazendas, ao recolherem, para lhes perguntar noticias do trabalho.

É uma pedra, para onde viera correndo um dia a fugir de um cão do tio Fernandes, porque ahi estava sua mãe sentada, toda em sustos tambem, e tão enfurecida depois, quando soube que fôra elle quem desafiára a cão!

Mundo de melancolias e piedosos phantasmas, mundo que o alheiava da realidade, que o apartava do presente, tão só, tão vazio, tão sem significação

para lhe abrir francas, patentes, e compassivas as portas do passado; tudo alli se transformava para elle, e em cada coisa cuidava ver uma feição querida, uma lembrança, uma alegria ou uma dor.

Por vezes lhe rebentaram as lagrimas dos olhos, por vezes se sentiu suffocado; por vezes desejou, embalado pela melancolia da saudade, adormecer de todo no dormir em que já descançava seu pae e sua mãe.

E que o explique quem melhor o souber, nas occasiões, em que o sentimento é em nós mais placido, mas tambem mais profundo; nas horas de amor duvidoso, de aspiração indefinida, de descontentamento irremediavel e infundado, parece que se levanta em nós o desejo de outra vida, de outro mundo, de outra existencia, não sabemos qual; mas que nos parece ter já vivido, e para a qual nos persuadimos ter de voltar.

N'essas horas de estranho e amoravel sentir, como desterrados de regiões bem diversas d'estas, desejâmos ver terminado o desterro e immediata a hora de regressar.

Foi o approximar da tempestade que o distrahiu d'estas melancolicas cogitações; deitou os olhos em roda e não conheceu o sitio. Tinha-se perdido no caminho. Novas estradas, novas mudanças tinham-lhe transtornado o mappa que a memoria lhe estampára no coração; via-se a meio de olivaes, e as arvores confundiam-se já com as sombras da noite.

Tinha seguido, sem o perceber, o melhor caminho, a estrada nova, e que por isso mesmo não era do seu tempo. Não podia estar longe o povoado, mas a chuva cada vez apertava mais, e o cavallo já não queria andar, assombrado com o fuzilar continuo dos relampagos, e aturdido com o ribombo temeroso dos trovões.

Entretanto estava resolvido a seguir á ventura, certo de que em pouco tempo encontraria abrigo, quando diante de si, na quebra de uma azinhaga, lhe pareceu ver uma sombra rasteirinha coser-se com o muro, e seguir a modos de homem que fosse agachado, como receando ser visto.

— Quem vae ahi?—perguntou Joaquim, que, costumado ás aventuras do sertão, não se inquietava muito com um mau encontro.

Mas a sombra seguiu mais apressada sem dar resposta.

Joaquim deu de esporas ao cavallo e correu sobre o vulto.

Proximo reconheceu duas criancinhas, um rapazito de sete annos, ao mais, e uma menina de seis, que de mãos dadas e tremendo de medo ambos, ajoelharam quando o viram ao pé de si, exclamando o mais velho, e que parecia mais animoso;

— Não nos faça mal, temos o pae doente, e vamos levar-lhe este remedio que lhe receitou o mestre Thomaz.

Thomaz era o sangrador barbeiro approvado ainda pelo proto-medicato, e facultativo á falta d'elles.

Depois voltando-se para a irmã, que se fazia bem pequenina para se esconder atraz d'elle, disse-lhe, fazendo das fraquezas forças, n'um tom mais seguro, e como para lhe incutir valor:

— Não tenhas medo, Isabel, aquelle senhor não nos ha de fazer mal; não vês que tem cara de boa pessoa?

O pequeno, pelo escuro que fazia, não podia já perceber que tal era a physionomia de Joaquim; esta amabilidade era pois um argumento *ad benevolentiam*, aprendido, quasi instinctivamente, na rhetorica saloia.

— Não faço mal, não, pobres pequenos; com este tempo, tão mal resguardados!

Isto era dito já a pé, junto d'elles, e detendo-se com verdadeira compaixão ao attentar nos farrapitos que mal os cobriam.

— Nós cá não tem duvida, o pae é que precisa mais, está tão doente! Ha tres dias que não come nada.

— E a nossa mãe, coitadinha, ha oito dias que não dorme.

— E o pae está com uma cara! Nossa Senhora nos valha, parece um defuncto.

— Não digas isso, Isabel; depois, approximando-se mais de Joaquim com quem ia já costumando-se, e como para lhe provar que não era criança, o rapazito continuou mais devagar: — o pae está muito mal, que eu bem vi a cara que fez hontem o mestre Thomaz; mas a mãe não desconfia e a Isabel nada sabe.

— É muito longe a sua casa?

— Não, meu senhor, é logo alli.

— Pois vamos lá, que eu tambem os acompanho, já agora não temos outra noite, e d'aqui ao logar ainda é uma boa meia legoa puxada. Quando lá chegasse achava tudo fechado.

— Mas o senhor vae ficar muito mal accommodado, exclamou a pequena, que ainda se não afizera muito ao seu novo conhecido, a gente é tão pobre!

— Não tem duvida, minha menina, em qualquer canto me arranjo, sou facil de contentar.

— Oh! José, eu tenho medo do homem, elle vem com a gente?—perguntou a pequenita a seu irmão, quasi ao ouvido.

— Tu tambem sempre és uma medrosa!... E d'ahi sabes, que lá em casa não ha que levar!

— Sim, mas olha, eu sempre tenho medo.

Joaquim comprehendêra pelo conchegar assustadiço da criança para seu irmão, e pelos modos importantes que este assumira, qual tinha sido o dialogo em voz baixa, e sorrindo-se disse á pequena:

— Não tenha medo de mim, não sou nenhum ladrão.

Mas, bem pelo contrario, a prevenção mais assustou a criança, que não atinando com o modo por que elle ouvíra a sua conversação, exclamou apressurada, mas sem olhar para o seu interlocutor:

— Eu bem sei que o senhor não é nenhum ladrão; mas... adivinha o que a gente diz!

— Então, minha menina, julga-me agora feiticeiro?

— Deixe-a fallar, é uma criança, ainda não fez seis annos.

— E o menino é um homem, não tem medo.

— Eu já tenho sete annos, disse o rapazito muito senhor de si; e d'ahi o senhor não havia de fazer mal a duas crianças, nem a meu pobre pae; está tão doente!

— Pois deixem estar que eu verei se sei d'algum remedio, que lhe faça bem. Pelas terras, por onde andei, aprende-se muita coisa, e eu sei d'alguns remedios, que talvez aproveitem, e d'ahi eu quero pagar-lhes o agasalho, tenho com quê.

— O senhor dá cura ao pae? Que bondade era a sua!

— Não te dizia eu, Isabel!

— Ora pois então vamos lá. Digam-me: seu pae é muito velho?

— Não, senhor, tem trinta annos e mais alguma coisa; os desgostos é que o acabaram muito.

— Pobre homem!

— De mais a mais um tio, que anda lá por fóra, quer-nos tirar tudo. E d'ahi o pae vive tão apoquentado!

— Um tio?

— Sim, senhor, atalhou a pequena, um tio muito mau. Sempre tenho uma raiva ao meu tio Joaquim!

— Joaquim!

— Cala-te, mana, tu não sabes que o pae diz que o tio não tem a culpa?

— Então o tio anda lá por fóra! Como se chama?

— Ora o senhor não o conhece, replicou o rapaz meio desconfiado, está lá muito longe.

— Quem sabe? ás vezes! Diga-me sempre como elle se chama.

— É o tio Joaquim.

— E está?

— Lá para o Brasil.

— E seu pae, chama-se?

— Mas o senhor de certo não se importa com a nossa vida, respondeu o Josésito, que já não ia gostando de tanto perguntar, e que receiava, com aquella giria que parece acompanhar os saloios desde o berço, que lhe podesse provir algum mal das suas respostas.

— Por amor de Deus, diga-me como se chama seu pae.



Camelo vacunha assaltado pelo tigre ruivo do Brasil

— Assim como assim, o senhor sempre o ha de vir a saber, chama-se Raymundo.

Então os meninos são?... e a commoção embargava-lhe a voz.

Somos, sim, senhor, somos filhos de meu pae, eu chamo-me José, que era o nome de meu avô, e minha irmã é Isabel, porque nasceu no dia de Santa Isabel.

— Pois eu... mas a reflexão cortou-lhe a palavra; queria ver, queria antes de se declarar, que aprendessem a abençoal-o: entretanto, agarrou-os bem para si, e abraçou-os muito enternecido.

Está a chorar, disse Isabel com aquella perspicacia de mulher mesmo pequena, olhe, já vou gostando mais *de si*.

— Gosta, gosta, minha Isabelinha, que eu tambem gosto muito de ti. E tu lá, José, tambem és meu amigo?

— Eu engracei *comsigo* logo ao principio. Aqui está a nossa casa.

E batendo á porta: — mãe, mãe, aqui vem um senhor, que sabe de um remedio para curar o pae. Abra a porta, mãe, somos nós.

(Continúa) RODRIGO PAGANINO.

O CAMELO VACUNHA ASSALTADO PELO TIGRE RUIVO DO BRASIL

O lhama, o pacó, o vacunha e o guanaco são especies do camelo, e as unicas bestas de carga de que se serviam os habitantes da America meridional antes de lá entrarem os hespanhoes.

Vivem nas mais altas montanhas, como por exemplo nas cordilheiras. São naturaes do Perú, onde ha grande quantidade, e alli são tão uteis como o camelo na Arabia. Carregam até oito arrobas, andam seguros por caminhos quasi inaccessiveis cinco a seis legoas por dia. Quando querem descançar, dobram os joelhos com muito cuidado, e deitam-se de sorte que não desarranjam a carga. Levantam-se de prompto ao assobio do conductor; se os estafam com trabalho, ou os atormentam e maltratam n'este estado, batem com a cabeça em terra e matam-se de desesperação.

Quando estão irritados, estes animaes, cospem na cara do conductor uma especie de saliva que a colera inflamma e torna caustica.

Posto que sejam da mesma familia, nenhum d'estes camelos da America se parece com os da Arabia; não tem corcovas, nem grande corpo, pois os mais altos não chegam a metro e meio. Principalmente o vacunha tem uma figura elegante, pescoço alto, cabeça pequena, pernas altas e finas, e é agil como uma cabra. O corpo é todo coberto de lã finissima côr de rosa desmaiada, que parece seda, de que se faz bellissimo panno, conservando a côr natural, que não perde nas mãos do fabricante. A preciosidade da lã do camelo vacunha é a causa por que tanto o buscam e perseguem os caçadores, que facilmente os apanham.

Todos estes animaes andam em grandes ranchos, e só descem aos valles para pastar. É então que os caçadores os pilham, estendendo grandes cordas carregadas de trapos nos sitios em que elles hão de trepar. Esta vista atemorisa-os; e a sua timidez é tal que se não atrevem a passar por estes espantalhos, nem a voltar a cara para verem os seus perseguidores, que d'este modo conseguem apanhal-os até pelas pernas, sem maior difficuldade. Todavia, se por acaso no rancho vem algum lhama silvestre, foi-se a esperança do caçador, porque este animal, menos timido, salta por cima das cordas e abre o caminho aos vacunhas, que em poucos instantes se perdem de vista no cume das montanhas.

Tal é o pacifico animal que na estampa se representa assaltado pelo tigre ruivo do Brasil.

Este ultimo tem a figura e o comprimento do jaguara [1], porém é mais afilado, e mais alto dos quartos trazeiros. Tem a cabeça pequena, a cauda longa, o pello curto, de côr ruiva muito viva, com uns laivos escuros pelo fio do lombo. Tem metro e meio d'altura. Posto que mais fraco, é tão feroz e talvez tão cruel como o jaguara; e parece ser ainda mais encarniçado contra a sua preza, pois que a devora sem a despedaçar; logo que a tem segura, suffoca-a, chupa-a, e come-a immediatamente.

Encontra-se este animal na Guyana, no Brasil, no Paraguay, no Perú e na Patagonia. Gosta muito das florestas, e trepa ás arvores, d'onde se lança sobre a preza.

Amansa-se, e voluntariamente se faz tão meigo como os animaes domesticos.

BACCHO

Esta elegante estatueta de Baccho pertence á collecção de antiguidades da bibliotheca nacional de Lisboa. É esculptura incontestavelmente romana, e do tempo em que as artes estavam na maior florescencia.

Está o deus do vinho coroado de pampanos, tendo na mão direita uma taça, em acção de aparar o çumo do cacho que devia ter na mão esquerda, se não estivesse mutilada.

A celebridade e popularidade d'este fabuloso deus do paganismo, convida-nos a relatar as mais notaveis aventuras da sua vida.

O deus Baccho, de tão celebrado culto na antiguidade que chegou até nós, apesar de modificado, é uma das divindades pagãs que tem apresentado maior difficuldade ácerca da sua verdadeira procedencia. O que se tem colhido de mais positivo, é que a sua historia é extrahida de duas lendas, uma india e outra egypcia.

Os antigos adoravam muitos Bacchos, que todavia não eram mais que modificações de um só, relativas ao culto de cada paiz.

Diodoro e Philostrato reconhecem tres Bacchos, porém Cicero conta cinco. O mais conhecido, e de que vamos tratar, é o thebano, filho de Jupiter e de Semele, filha de Cadmo fundador de Thebas na Beocia.

Tendo aquella princeza pedido a Jupiter que lhe apparecesse em todo o esplendor da sua gloria, do mesmo modo que era visto por Juno, obteve esta graça, depois de reiteradas supplicas. Foi-lhe porém funesta tal curiosidade, pois atemorisando-se ella com o fulgor dos raios e dos relampagos que acompanhavam o pae dos deuses, morreu de susto, estando grávida de sete mezes. Jupiter, auxiliado por Sabasio, seu filho, extrahiu o feto do ventre de Semele, passando-o para uma das suas côxas, a fim de completar os dois mezes que lhe faltavam para o completo desenvolvimento. Passado este praso, deu-o á luz no monte Dracano, que segundo Theocrito estava sempre coberto de nuvens.

D'aqui proveiu a Baccho o cognomento de *bis natus* (duas vezes nascido).

Logo depois do parto entregou Jupiter este seu filho a Mercurio, para que as nymphas de Nysa o criassem occultamente nas cavernas das montanhas. Apollodoro affirma que Jupiter o transformou em cabrito para ser conduzido com maior segurança.

Baccho acompanhado de seu aio Sileno, conquistou as Indias á testa de um exercito composto de homens, mulheres, faunos, satyros e centauros, levando em logar de armas, thyrsos e pandeiros, derrotando completamente Astreo, general dos indios, que estava acampado nas margens do rio Astaco, cujas aguas transformou em vinho para embebedar o exercito inimigo.

Camões em algumas oitavas dos Lusiadas [1], representa Baccho como um dos mais acerrimos oppositores ao descobrimento da India pelos portuguezes, fazendo sentir aos deuses do ceo e do mar o receio de que este povo, essencialmente valoroso e vinhateiro, conquistando aquellas regiões onde o seu nome era tão celebrado, e a cuja conquista devia parte da sua gloria, o faria alli inteiramente desconhecido.

Baccho foi recebido em toda a parte como uma divindade, porque conquistava não tanto para impor leis aos vencidos, como para lhes ensinar a maneira de cultivar a vinha; por isso tudo cedeu sem violencia ao delirio que produzia o exercito que o acompanhava.

Depois d'estas conquistas veiu á Grecia, aonde celebrou grandes festas. Tendo-se por esta occasião, não se sabe com que fim, transformado em menino, foi roubado por uns piratas com intento de alcançarem por elle avultado resgate. O deusinho deixou-

[1] Jaguara é o tigre negro ou onça do Brasil.

[1] Lusiadas, Canto I, est. 30, 31, 32; Canto VI, est. 26 a 34 inclusivé.

se ir ao collo até ao navio que o esperava; mas apenas lá chegou, transformou-se em pavoroso leão, enchendo-se os mastros e os cabos de horriveis serpentes. Os piratas, cheios de terror, deitaram-se ao mar, transformados desde logo em golfinhos.

D'alli partindo Baccho para Athenas, foi recebido e hospedado por Icaro, a quem presenteou com vinhos generosos, ensinando-lhe tambem a cultivar a vinha. Icaro convidou alguns amigos para com elle festejarem tão boa pinga; mas os malvados, depois de se embriagarem, mataram-no. Erigona, sua filha, teve tanta pena, que se envenenou, e o seu cão favorito morreu sobre o tumulo de ambos. Baccho, para recompensar tão extremosa amizade, poz a todos tres no ceo entre as constellações.

Baccho combateu e venceu gloriosamente os gigantes, filhos da Terra, sob as vistas de seu pae, que não cessava de o animar bradando-lhe *Evohé*, que quer dizer *bene sit illi*. Este grito foi depois adoptado pelas bacchantes.

Acha-se este deus figurado sob diversos aspectos; porém o mais vulgar é o da juventude. Alguns monumentos representam-no velho e barbado, e então dá-se-lhe o nome de Baccho indio. Os seus attributos são as coroas de vide ou hera. Estas plantas eram-lhe consagradas por elle ter ensinado a cultivar a vinha, e porque a hera, estando sempre virente, era não só considerada como emblema da eterna juventude de Baccho, mas como antidoto infallivel contra a embriaguez. Muitas vezes tambem se vê representado tendo nas mãos um thyrso e uma taça. O seu carro era puxado por tigres ou pantheras, cujas pelles serviam tambem de tunicas ás bacchantes.

Trazia por ornato na cabeça, umas vezes a mitra, considerada como preservativo contra as dores de cabeça produzidas pelo vinho; outras vezes eram duas pontas que lhe ornavam a fronte, as quaes podiam significar o seguinte: a força e furor que o vinho incute no animo dos bebedores; os chavelhos que serviam de copos aos homens primitivos; os raios do sol, pela analogia que existia entre Baccho e Phebo; e, finalmente, porque elle havia ensinado aos homens a maneira de sujeitar os bois ao arado.

Baccho era adorado como deus do vinho, e presidia aos banquetes, bebendo-se sempre o ultimo copo em sua honra. A victima que lhe sacrificavam era o bode, porque este animal destroe as vinhas, roendo os gomos das cepas.

As festas celebradas em honra de Baccho eram designadas segundo os differentes nomes que os povos da antiguidade davam a esta divindade, conforme os logares onde eram celebradas, e até segundo as circunstancias particulares do seu culto.

O caracter geral das bacchanaes era a alegria e a exaltação levadas ao excesso. A embriaguez e a atroadora musica composta de flautas, cymbalos e pandeiros, eram accessorios infalliveis de todas as festas d'este deus. Nas procissões que saiam por estas occasiões, as mulheres disfarçavam-se em bacchantes; uma d'ellas levava n'um açafate a estatua da divindade; outras, coroadas de folha de figueira, levavam tambem açafates cheios de figos.

Durante as bacchanaes considerava-se a embriaguez um tributo de gratidão pago ao deus que outorgára aos homens o precioso dom do vinho.

Pacula Annia, matrona descendente de uma nobre familia da Campania, e que exercia as funcções de sacerdotiza de Baccho, inculcando-se inspirada por esta divindade, mudou completamente o ritual dos mysterios. Começou por admittir homens á iniciação, e introduziu o uso de celebrar os mysterios durante a noite. Desde então as bacchanaes tornaram-se origem das mais vergonhosas desordens e dos crimes mais execrandos. No anno da fundação de Roma 568, e 186 antes de Christo, os consules Spurio Posthumio Albino e Quinto Marcio Philippe receberam ordem do senado para abolir completamente os mysterios de Baccho.

No fim da republica reappareceram as bacchanaes, e no tempo dos primeiros imperadores foram celebradas publicamente com as mais licenciosas ceremonias, espalhando-se dentro em pouco por toda a parte.

Quando o christianismo veiu regenerar o mundo antigo, foi o culto de Baccho que lhe offereceu maior resistencia, sendo vencido só na parte que diz respeito á maneira de o celebrar, porque ainda hoje, nos paizes vinhateiros, e especialmente entre nós, se conserva o culto d'aquelle deus, celebrado com trovas, comesainas e procissões, mas sem bacchantes, não havendo por isso as devassidões da antiguidade, exceptuando a embriaguez, tributo voluntario que os seus sectarios lhe pagam com excessiva usura!

As leis antigas determinavam que os vinhos novos só se poderiam pôr á venda do dia de S. Martinho, de 11 de novembro em diante; d'aqui procedeu a notavel anomalia do vulgo confundir S. Martinho, bispo de Tours, varão sobrio e de exemplar virtude, com o fabuloso Baccho, deus ébrio e devasso.

O caracter das modernas bacchanaes, ou martinhadas, está a par do das primitivas, por isso que os effeitos da bebida deviam manifestar-se da mesma maneira que hoje os presenciámos.

Ora, tratando-se de Baccho, pede a boa razão que digamos alguma coisa a respeito das cepas e do primitivo fabrico do vinho.

As cepas entre os gregos chegavam a tal altura, e eram tão frondosas, que debaixo de suas vides se podia gozar a sombra. O processo da vindima era mui differente do que hoje se pratica. Expunham os cachos aos raios do sol e ao relento da noite durante dez dias, conservando-os mais cinco dias á sombra, e depois os pisavam. Guardavam o vinho em vasos de barro ou em odres, porque os gregos não conheciam o uso dos toneis.

Deitavam agua salgada em todos os vinhos que exportavam das ilhas do archipelago para Roma, e assim preparavam tambem o vinho de Chio, muito estimado dos romanos. Plinio refere que Catão achára a receita de contrafazer o vinho de Chio, de maneira que os melhores conhecedores não podiam differençar o verdadeiro do falso.

No principio da republica, era tão raro o vinho em Roma, que as libações nos sacrificios eram feitas com leite, e só começou a vulgarisar-se pelo anno 600 da sua fundação, epocha em que se introduziu a plantação das vinhas. Por este tempo ainda era prohibido ás mulheres beber vinho, e tão expressa era esta prohibição, que podia qualquer dos seus parentes beijal-as para conhecer pelo halito se haviam transgredido a lei. Quando assim succedia, tinham seus maridos o direito de as castigar, e até de as matar. Este excessivo rigor foi-se moderando, mesmo no tempo da republica, e deixou de ser observado no reinado dos primeiros imperadores, e então as mulheres chegaram-se a embebedar tanto ou mais que os homens.

Os romanos faziam o vinho da seguinte maneira. Deitavam em dornas de madeira o mosto que espremiam dos cachos, e depois do vinho ter fermentado durante algum tempo nas dornas, era mudado para toneis aonde continuava a fermentação. Para o depurar, deitavam-lhe cal, gesso, pó de marmore, sal, rezina, agua salgada, hervas aromaticas, etc. Deixavam nos toneis o vinho assim preparado até ao anno seguinte, e ás vezes dois e trez annos segundo a sua qualidade; depois mudavam-no para vasilhas de barro untadas interiormente com pez derretido. Cos-

tumavam pôr nas vasilhas o nome da terra d'onde era o vinho, e o do consulado em que fôra feito. Os latinos chamavam ao trasfego dos toneis para as vasilhas de barro *diffusio vinorum*.

Todos os que se occupavam no trabalho da vindima tinham liberdade para dizer toda a qualidade de injuria aos viandantes, sem que estes tivessem o direito de se queixar. Os bacellos eram plantados junto das arvores, subindo por ellas as vides até formarem copa como ainda hoje é uso na Italia.

Os romanos guardavam os vinhos fracos em sitios expostos ao norte, ou em adegas, e os vinhos de mais corpo em logares expostos á chuva, ao sol e a todas as injurias do tempo. Porém o uso mais vulgarmente seguido era conserval-os em celleiros, situados no mais alto das casas, expostos ao meio dia; a estes celleiros davam o nome de *apotheca vinaria* (celleiro de vinho). Este costume parece tão extraordinario como o de aquecerem a agua que bebiam, tanto no verão como no inverno.

Como só depois do consulado de Opimo, isto é, depois do anno 633, foi que os romanos começaram a dar maior apreço aos vinhos velhos, tornou-se necessario construir celleiros em todos os bairros de Roma para n'elles os guardarem.

A primeira sorte de vinhos conservava-se o muito dois ou tres annos nos logares frescos, e para durarem mais tempo era necessario mudal-os para sitio mais quente. Diz Plinio que quanto mais forte é o vinho, mais macio e agradavel se torna com a edade. É justamente o que acontece aos nossos vinhos mais generosos.



Baccho (estatueta de bronze)

Havia duas especies de vasilhas para o vinho; uma chamada *amphora* [1] e a outra *cadus*. A amphora era um vaso de barro ou de vidro de duas azas, e levava duas urnas, pouco mais ou menos quatro canadas, ou tres litros; o gargalo d'esta vasilha era estreito, e tapava-se com pez e gesso para evitar a evaporação. O *cadus* tinha a fórma de pinha, e podia conter amphora e meia.

[1] A bibliotheca nacional de Lisboa possue uma d'estas amphoras achada no logar de Troya em frente de Setubal, cujo desenho já publicámos a pag. 376 do III vol.

Galieno falla dos vinhos da Asia que depois de engarrafados em grandes garrafas de vidro eram penduradas nas lareiras, onde adquiriam pela evaporação e pelo fumo a consistencia do sal. Aristoteles diz que os vinhos da Arcadia depois de seccos por este systema, mas em odres, os tiravam aos pedaços que derretiam n'agua. Em Plinio lemos que se chegou a beber vinho de duzentos annos, que pela sua muita velhice tinha adquirido a consistencia do mel, sendo necessario diluil-o em agua quente e depois filtral-o; a este processo davam o nome de *saccatio vinorum*.

Os romanos usavam muito de neve para refrescar o vinho; e não só mettiam as vasilhas em gêlo, mas o deitavam dentro.

ANECDOTA [1]

Estavam uns pobres mendigos assentados em rancho, tratando entre si das pessoas que havia n'aquella cidade mais esmoleres e avarentas.

Levantava um a antiphona e dizia:

— Abençoada seja tal casa onde sempre nos fazem caridade.

E respondiam todos:

— Abençoada!

Segundava logo:

— Maldita seja em tal rua tal casa onde nos despedem com aspereza.

Repetiam todos:

— Maldita!

E por este modo iam entretecendo uma como ladainha de bençãos e maldições. Até que chegaram a fallar em um grande avarento, por nome Pedro, o publicano. E disse um da roda.

— Esse não é Pedro senão pedra; não hajaes vós medo que ninguem lhe tire real das unhas.

Respondeu outro:

— Eu nunca vi d'elle uma fatia de pão.

— Nem eu, nem eu tão pouco — foram respondendo os mais.

Mas um d'elles saíu dizendo:

— Ora que apostaes vós outros, e eu me offereço a sacar d'elle esmola.

— Não haveis de tirar.

— Sim, hei de tirar.

Fez-se a aposta, e o provocante foi logo em demanda da casa do publicano, e chegou em tão boa occasião que elle vinha de fóra, e juntamente entrava uma carga de pão cozido para a familia.

Poz-se o pobre diante de Pedro, nem muito perto nem muito longe, e sem fallar palavra, pelo não indignar, só por gritos e meneios compassivos lhe pedia esmola, estendendo a mão, encolhendo os hombros, e pondo os olhos meio chorosos, ora no pão, ora em si, ora no mesmo publicano.

Queria este livrar-se de importunação tão efficaz; mas o mendigo se lhe offerecia sempre diante com uma insinuação tão viva, que em fim, para se não penetrar mais da compaixão, pegou de um pão e lhe atirou com elle, como quem diz:

— Toma e deixa-me.

O mendigo levantou o pão com osculo de agradecimento, e partiu logo correndo aonde os companheiros o aguardavam. E dando pulos para o ar, com o pão levantado em alto disse:

— Ei-lo, ei-lo! Fiz o milagre que não quiz fazer Christo, tornando as pedras em pão.

[1] Da *Floresta* do padre Manuel Bernardes.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.